

Na arquibancada: Sociabilidade feminina nas torcidas organizadas de futebol¹
Marianna Castellano Barcelos de Andrade²
UNIFESP-SP

Resumo

O futebol comumente é pensado como um esporte feito para um público predominantemente masculino, tanto em campo quanto nas arquibancadas. Frente a isso, nesta apresentação, as mulheres são a bola da vez. A presente apresentação, fruto de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, tem como temática a inserção das mulheres nas torcidas organizadas, mapeando as potencialidades vivenciadas por elas, e as conquistas que as torcedoras ainda reivindicam. Para tanto, vem sendo realizada uma etnografia com as mulheres que compõem a Gaviões da Fiel, a primeira torcida organizada de São Paulo e até hoje, a principal torcida vinculada ao Sport Club Corinthians Paulista, observando como as relações de gênero são experimentadas nas arquibancadas dos estádios e em outros espaços de socialização da agremiação. A etnografia vem sendo preparada em conjunto de uma consulta bibliográfica. Olhando então para a voz feminina desta história, que ainda apresenta poucos relatos, utilizando o gênero como uma categoria de análise para este fenômeno social, que é como o futebol pode ser visto no Brasil. Acreditando que o futebol não é apenas um esporte apartado da vida social, cultural e política, e por isso também é bastante atingido pelo machismo, racismo e lgbtphobia que integra a estrutura de nossa sociedade.

Palavras-chave: Gênero; Futebol; Torcida Organizada;

1. Introdução:

O presente trabalho busca de maneira inicial, compreender como se deu a inserção feminina nas arquibancadas, especialmente, dentro das torcidas organizadas de futebol, essa estrutura densa e complexa presente nas arquibancadas de todo Brasil. Desta forma, a finalidade é mapear quais são as dificuldades e as possibilidades encontradas pelas mulheres na construção das torcidas organizadas, utilizando como estudo de caso o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida. Isso vem sendo feito através de uma etnografia “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) com mulheres da torcida, com uma revisão bibliográfica de estudos feitos com mulheres de arquibancada, para além dos Gaviões da Fiel e, com uma consulta bibliográfica pertinente sobre a temática de futebol e torcida organizada

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da EFLCH-Unifesp, sob orientação do Prof^o Dr. Renzo Romano Taddei, e financiamento da CAPES. Contato: marianna.cbandrade@gmail.com

no Brasil. Como já mencionado no resumo, as informações aqui apresentadas, fazem parte de uma pesquisa de mestrado em andamento.

Aqui cabe destacar que a escolha do estudo de caso ser feito especificamente com os Gaviões da Fiel, não vem do fato de eu ser uma torcedora do Corinthians, como muitos pensam, mas sim pelo fato de que a presente torcida é majoritariamente reconhecida como primeira torcida organizada do Estado de São Paulo, apesar de conterem registros de abril de 1969, sobre o surgimento da Torcida Jovem da Ponte Preta de Campinas, alguns meses antes da fundação dos Gaviões da Fiel. De qualquer forma, esta agremiação se constitui como uma das maiores do Estado até hoje, o que faz com que existam muitas produções acadêmicas no âmbito das Ciências Sociais em relação a agremiação, ou ao clube.

Além das produções, teses, dissertações e monografias sobre torcedores de futebol no geral serem cada vez mais crescentes no Brasil³, Bernardo Buarque de Hollanda (2015), constatou com suas pesquisas, que estudos focados nos Gaviões da Fiel acumulam-se desde pelo menos o final dos anos de 1970. Entretanto, é por notar uma ausência de relatos sobre as mulheres dos Gaviões da Fiel, que lanço mão do gênero como uma categoria de análise dentro desta agremiação.

A partir disso, antes de falar especificamente das mulheres nos Gaviões da Fiel, considero importante passarmos por algumas temáticas e são por elas que este artigo estará dividido: O surgimento das torcidas organizadas no Brasil, e como esse modo organizacional nas arquibancadas foi capaz de criar *sentimentos e identificações coletivas*, formado de ritos e rituais para quem nele faz parte. Posterior a isso, é necessário relembrar e entender em qual contexto histórico ocorreu a fundação da torcida em questão.

Analisar a história dos Gaviões da Fiel é entender o caráter contestatório que a agremiação carrega desde sua fundação, e as contradições inerentes a sua história e modo de organização. Para que finalmente assim, seja possível voltar o olhar sobre as mulheres torcedoras, reforçando sua importância histórica nas arquibancadas, marcada por potencialidades e dificuldades em existir como um ser-que-torce (COSTA, 2007) seja nas arquibancadas de todo Brasil, ou nos Gaviões da Fiel.

2. Surgem as torcidas organizadas de futebol - Identificação e juventude:

³ Banco de dados montado pelo Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural (LABOEP-UFF) referente a pesquisa sobre torcidas organizadas. Disponível em: <<http://www.laboep.uff.br/banco-de-dados/torcidas-de-futebol>>. Acesso em: 03 de Jul de 2019.

A história mais contada é de que o futebol chegou no Brasil em 1894, quando Charles Miller, brasileiro filho de inglês, trouxe para o Brasil uma bola de futebol. O primeiro grande jogo que se tem registro foi realizado em 1899, entre os funcionários da empresa Nobiling contra os ingleses da Companhia de Gás de São Paulo e do Banco de Londres (Caldas, 1994, p. 42).

Já nas arquibancadas, no âmbito das torcidas, pode-se dizer que as coletividades de torcedores de futebol existem no Brasil desde 1940. Onde foram fundadas algumas das denominadas, “Torcidas Uniformizadas” dos clubes mais populares de São Paulo, formada em sua maioria por pessoas vinculadas aos clubes esportivos. Aqui, costuma-se identificar a torcida uniformizada do São Paulo Futebol Clube, como a pioneira entre estas organizações, fundada em 1942.

Este modelo implementado pelas torcidas uniformizadas perdurou até anos 1970, quando outra modalidade de participação, bem mais popular, ganhou apelo entre os torcedores. Surgiam então, as torcidas organizadas, em um contexto que estava sendo caracterizado no futebol, com uma maior autonomização da juventude. As inspirações para as torcidas organizadas vinham de fora do país, um exemplo é a existência dos Ultras no futebol italiano ou dos Hooligans, na Inglaterra.

Luiz Henrique de Toledo (1996) em seus apontamentos que associam futebol e cidade, entende o futebol como “fenômeno urbano e de massa em metrópoles como São Paulo”. A relação entre o surgimento de uma sociabilidade cada vez mais urbana e os torcedores do futebol é bastante combinada, já que o futebol cria laços de amizade íntimos entre aqueles que partilham o mesmo clube. Estes laços estavam bastante fragilizados devido ao êxodo urbano rumo a estas nova metrópoles e até mesmo a grande vinda de imigrantes para o país, que ao chegarem em terras brasileiras estavam muitas vezes sem famílias e amigos (Sevcenko, 1994).

O futebol se apresenta então, como um campo de possibilidades para a existir na cidade, desde o deslocamento entre os bairros para assistir as partidas, até o deslocamento para a quadra-sede da torcida, que se estendem até os dias atuais quando pensamos que os estádios dos times da cidade de São Paulo são intimamente relacionados com os bairros onde estão localizados, Corinthians-Itaquera, Palmeiras-Barra Funda, São Paulo-Morumbi. Em

maior ou menor escala, observamos territórios que se constituem até hoje marcados por este clubismo.

Mas então quem era essa juventude que aderiu rapidamente o modo de sociabilidade existente nas TO's⁴ e onde estavam as mulheres? Uma das primeiras pesquisas que enfocam especificamente o fenômeno das torcidas organizadas foi elaborada pelo Instituto Gallup, e publicada nos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, no ano de 1992. Sendo que entre os dados levantados, a maioria desses torcedores eram do sexo masculino, com idade entre quinze/dezesseis anos (Toledo, 1996).

Podemos então enunciar que a ideia de uma torcida organizada em sua prática, constitui espaços diversos de pertencimento e representações diante do outro, espaços de relações sociais significativas que dão sentido à vida de milhares de pessoas em todo o país, há mais de 50 anos. E que segue sendo uma fonte quase inesgotável de temas de pesquisas e observações, visto que seguimos estudando-a até hoje. Porém, é notório que os estudos focados nas coletividades torcedoras não costumam ter uma abordagem a partir do gênero, uma vez que é mais difícil encontrarmos relatos da presença feminina em trabalhos mais antigos sobre o assunto, fazendo com que esta seja uma preocupação mais recente.

Deve-se destacar também que os estudos sobre o futebol, sobretudo no Brasil, sempre se ocuparam em pensar a temática através da ideia totalizante de pertencimento à uma “identidade nacional”, incluindo o contexto das torcidas nessa identidade.

Dado este breve panorama, passamos para o próximo tópico para conhecer uma das mais populares dentre as torcidas organizadas do Brasil, e as marcas de “*time do povo*” que ela carrega consigo.

3. Os Gaviões da Fiel:

Como visto no tópico anterior, o surgimento das torcidas organizadas se deu por volta do início da década de 1970, e contextualizando politicamente essa época, o Brasil viva em uma Ditadura Militar que assolava o país, é no bojo deste movimento que vimos surgir os Gaviões da Fiel, em 1969, objeto de estudo deste artigo.

Aqui, é preciso lembrar alguns fatos que motivaram alguns torcedores a se aglutinar em torno da criação dessa nova forma de organização popular torcedora.

⁴ Uma das abreviações para referenciar as torcidas organizadas de futebol.

Como descrito no site oficial da entidade⁵, discutia-se naquela ocasião, por volta de 1969, a legitimidade do então presidente do clube, Wadih Helu, ligado ao partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), aliado à Ditadura Militar vigente na época, e que estava há aproximadamente 15 anos a frente do Sport Club Corinthians Paulista. Era necessário discutir então a coerência dessa gestão que permanecia há anos, pois todo esse descontentamento por parte da torcida já estava sendo formado desde 1965.

Uma reunião aqui, outra ali, e o grupo ia crescendo. Sendo que em alguns dias as reuniões se davam numa praça ou em alguma rua da capital. Tudo era discutido e decidido em grupo. A finalidade era de colaborar com a vida do clube, não só incentivando o time nas arquibancadas, mas também participando efetivamente da vida política e administrativa.

Logo no início ficou claro que esses jovens possuíam uma visão questionadora e participativa. Como exemplo disso, Bernardo Buarque de Hollanda (2015), conta que um dos nomes que constam no livro-ata de fundação da torcida, era o de Flávio de La Selva, estudante da faculdade de Direito do Largo São Francisco, que participava ativamente das passeatas estudantis em 1968, colocando-se de maneira explícita como contestador da Ditadura Militar. E é notável, a partir da pesquisa etnográfica, que o nome de Flávio de La Selva como um dos fundadores da torcida é motivo de orgulho e de histórias até hoje entre os sócios mais “progressistas” da agremiação.

É interessante nos atentarmos ao fato, que as torcidas organizadas, especialmente os Gaviões da Fiel, surge como uma vontade latente dos torcedores de se organizarem, não apenas nas arquibancadas enquanto assistem aos jogos, mas também fora dela, na máxima tentativa de participar ativamente de questões internas e políticas do time. Uma atitude extremamente necessária para o que vivia o futebol da época, que estava sendo devorado pelos interesses políticos da Ditadura Militar que ocorria no país.

Esta dinâmica ainda é bastante representativa entre os Gaviões e as torcidas organizadas como um todo, é notório que essas instituições seguem se posicionamento politicamente em relação acontecimentos da sociedade no geral. Como vimos recentemente nos protestos com pautas antifascistas e anti racistas durante o mês de maio deste ano, que

⁵ <https://www.gavioes.com.br/>. Acesso em 27 de Agosto. 2020.

contou ativamente com o protagonismo vindo das arquibancadas, incluindo os Gaviões da Fiel⁶.

Desde a fundação dos Gaviões da Fiel, a torcida possui uma forte hierarquia interna, com estruturas deliberativas formais. Em relação a estrutura interna de organização da instituição, veremos no próximo tópico como a questão de gênero aparece bem demarcada.

Em outubro de 1974, os Gaviões conquistaram algo importante: a sede social, no bairro do Bom Retiro em São Paulo. Outra iniciativa importante para a popularização da torcida organizada foi em 1975, com o surgimento do bloco de carnaval dos Gaviões da Fiel, que se tornou escola de samba em 1988, sendo que a agremiação se constitui como uma “torcida que samba” (Bueno, 2015) funcionando de maneira unificada até os dias atuais.

O grêmio Gaviões da Fiel nasceu como um sindicato, reivindicando participação e democracia: o sindicato da paixão corinthiana. A sua característica inicial era reivindicatória, evoluindo depois para se tornar um importante espaço de convívio e lazer entre seus associados. Acrescente-se a isso o fato de esse convívio ser potencializado por uma identidade em comum: “todos são corinthianos”. Numa cidade onde as alternativas de lazer, para determinada camada da população, são bastante limitada, o grêmio prosperou. E prosperou a ponto de reivindicar a participação no carnaval. (Costa, 2015).

Em 1997 os Gaviões iniciam um amplo processo de disputa com o Ministério Público de São Paulo pelo o direito da entidade seguir existindo. Pois neste ano o Ministério Público entra com o pedido de proibição da torcida, decisão considerada injusta e feita em articulação com os ex presidente da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah (Folha, 1997). Até os dias atuais, diversas punições são aplicadas contra a torcida, como a proibição de portar suas faixas durante os jogos.

O caráter contestatório existente no surgimento da torcida organizada, se mantém até os dias de hoje, com diversos protestos que dizem respeito tanto a ações que envolvam o clube, quanto em relação a outras pautas da sociedade. Como exemplo destes protestos, podemos citar: as faixas levantadas em 2016 criticando o horário dos jogos (Gaviões, 2016); os protestos, também em 2016, contra Fernando Capez (PSDB) e seu envolvimento com o que ficou conhecido como máfia das merendas (Mattoso, 2016) e as recentes declarações da diretoria da entidade contra o atual presidente Jair Bolsonaro, durante o período eleitoral.

⁶ Para saber mais sobre a onda de protestos:

<<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/torcidas-antifascistas-assuem-linha-de-frente-da-mobilizacao-contra-bolsonaro-e-atraem-oposicao.html>> Acesso em 27 de Agosto de 2020.

(Gaviões, 2018), além das participações já citadas acima, nos protestos anti fascistas deste ano.

Para os seus membros, a importância de ser da torcida é tamanha que Costa (2015), coloca a Gaviões como um exemplo de cordialidade, parafraseando Sérgio Buarque de Hollanda (2014), que vê na essência do homem brasileiro o ser cordial. O autor analisa que os laços excludentes e frágeis presentes no futebol oficial são quebrados dentro da torcida. criando inclusive sentimentos de paixão, solidariedade e cordialidade.

Assim, o homem cordial que seria o protótipo brasileiro, fruto de contradições históricas da história de nosso país, encontrou no futebol a base ideal para expressar suas emoções. E é aqui que se iniciam alguns questionamentos que permeiam este artigo e a pesquisa: Até que ponto podemos falar que todo esse sentimento de reconhecimento e pertencimento abarca as mulheres da torcida? Uma torcida organizada, politicamente mais ativa e contestatória que as demais, é necessariamente uma torcida que também atende e respeita os debates de gênero?

São a partir desses e outros questionamentos que o próximo item pretende debruçar suas reflexões.

4. Mulheres que torcem - Relações de gênero nas arquibancadas:

Mulher Corinthiana batalhando lado a lado
Para os outros times esse time é embaçado
Desde criança assistindo televisão
Já fazia parte da torcida do Timão

Esse é meu time, meu time de Coração
Sou torcedora, faço parte da nação
Nação Corinthiana só tem sangue bom
Somos uma família, uma família de irmãos
(Mulher Corinthiana - G. R. E. S. Gaviões da Fiel)

Para iniciar este tópico, é necessário lembrar, que as linhas a seguir partem da premissa de que na nossa sociedade, basicamente tudo o que é vivido constituem vivências diferentes entre os homens e as mulheres, devido aos papéis sociais distribuídos para cada um ao longo da história. Tal fato está diretamente relacionado ao porquê deste artigo colocar as

mulheres das torcidas organizadas como foco principal da pesquisa, posicionando o gênero como uma forma de análise dentro de estudos sobre futebol e torcidas organizadas.

Joan Scott (1995) historiadora envolvida na temática de gênero, aponta a forma pelo qual esse termo é entendido “Na gramática, gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes” (Scott, 1995, p. 72). Acrescenta também a historicidade do termo dentro das pesquisas em Ciências Sociais “Esse uso do termo gênero constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80.” (Scott, 1995, p. 75). Desta forma, estudar relações de gênero, ou divisões por gênero dentro de um fenômeno social, é compreender que existem traços inerentes que distinguem como homens e mulheres promovem a sua vivência social, com o gênero se constituindo como uma categoria analítica fundamental na compreensão das relações sociais. E, portanto, não deixo de incluir aqui as relações sociais que as torcidas organizadas promovem.

Judith Butler (2003), filósofa também ligada a esta temática, faz um adendo sobre como gênero pode ser visto dentro da academia e das Ciências Sociais, mas também como ele é visto em outras análises:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural (BUTLER, 2003, p. 28).

Assim, ser de determinado gênero não é apenas uma questão secundária para os indivíduos, mas o cerne constitutivo dessas pessoas.

Olhar para o gênero a partir de uma visão que reconhece o seu próprio gênero é, nos termos de Haraway (1995), construir um “saber localizado”. A objetividade das Ciências Sociais para a autora, emerge a partir das diferentes perspectivas parciais. É situar quem pesquisa e o que se pesquisa que nos permite termos uma visão mais abrangente de determinado fenômeno. Isto não é relativizar os fenômenos sociais, mas situá-los em seus diferentes pontos de vista possíveis, sendo que apagar as diferenças de gênero é ter uma visão dominadora e auto centrada.

Tendo exposto então o porquê do recorte de gênero para este artigo, caminhamos para a presença das mulheres dentro do universo do futebol, a começar, pela presença delas nas arquibancadas. Retomaremos essa história a partir dos significados que a linguagem carrega, pensando em como surgiu o verbo “torcer”.

Tudo começou quando em 1906, o jornal O Estado de São Paulo, começou a usar a palavra “torcedora”, substantivo feminino, em aspas, o que mostrava uma certa novidade neste termo. As torcedoras, eram mulheres da elite que iam ao estádio assistir jogos, por conta das altas temperaturas, mas também pelo nervosismo do jogo, tiravam as luvas e torciam em gesto de angústia. Desde então, a palavra ficou conhecido e foi designada para fazer referência às pessoas que estavam nas arquibancadas.

Através dessa informação já conseguimos perceber que era comum a presença das mulheres nas torcidas, que frequentavam as arquibancadas para assistir aos jogos de futebol tanto quanto os homens. De modo mais transgressor ou não, as mulheres estão presentes no futebol brasileiro há muito tempo, indo a estádios, acompanhando campeonatos, e também jogando este esporte.

Henrique Maximiano Coelho Netto, escritor, contou em uma crônica intitulada “as meninas da arquibancada do Fluminense”, no início do século 20, um pouco da história do termo “torcedoras”. O site oficial do Fluminense⁷ corrobora a versão de Coelho Netto:

Pois foi esse importante personagem [Coelho Netto] o responsável pela criação do termo 'torcida', que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de 'torcedoras'. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino (FILHO, 2017).

Apesar do termo ter surgido em referências às mulheres que estavam nas arquibancadas, isso não significou que a arquibancada viesse a ser um lugar comum ou receptivo a elas. Sabemos que os desafios que significam o *torcer* para as mulheres foram se complexificando com o passar do tempo, dentro e fora de campo. Um exemplo disto pode ser visto na proibição que o futebol feminino sofreu em sua história, durante a década de 1940,

⁷ Ver em: <http://www.fluminense.com.br/site/>. Acesso em: 05 de Jul. de 2019.

tendo como uma das justificativas a visão de que as mulheres deveriam permanecer apenas do lado de fora do campo.

De modo geral, não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol entre nós. Todas as reações a esse movimento, como se viu, foram no sentido de colocá-las "no seu devido lugar", banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos na torcida. Neste caso, sua presença nos estádios não só era saudada como estimulada pela imprensa. A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que nesta seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens "construírem a nação" (FRANZINI, 2005).

Apesar da presença das mulheres na arquibancada sempre ter existido no futebol, a mídia no início se apropriou para sexualizar a mulher neste contexto, associando as mulheres da arquibancada à beleza e à elegância. Mesmo com esta visão sexualizada do corpo feminino, ir aos estádios foi de suma importância para as mulheres vivenciarem relações sociais para além do ambiente doméstico.

Desde o início do século XX, mesmo que a prática esportiva não lhe fosse recomendada, assistir às disputas de remo, às corridas de cavalo e aos jogos de futebol possibilitava à mulher experimentar o mundo para além dos domínios da casa. O futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher uma das raras oportunidades de exposição e entrada nos espaços públicos. Mas se o futebol foi útil para a mulher, o público feminino também foi muito importante para o estabelecimento desse esporte em terras brasileiras. (COSTA, 2007, p.7)

Nos dias atuais, os meios de comunicação, em sua maioria, seguem comentando sobre a presença das mulheres nas arquibancadas pelo viés da sexualização, além de criar estereótipos como o de "Maria Chuteira", fazendo referência a mulheres que assistem futebol apenas por interesses sexuais em jogadores ou nos torcedores. Este estereótipo se faz presente também nas próprias arquibancadas e entre membros das torcidas organizadas. É praticamente um consenso entre as torcedoras com quem conversei durante a pesquisa, a irritabilidade delas em relação ao assédio nas arquibancadas durante os jogos ou até mesmo na própria quadra da torcida sob o pretexto das roupas "curtas" que elas estão vestindo. Elas também comentam que algumas mulheres só conseguem ser mais respeitadas quando frequentam os jogos e os eventos da sede acompanhadas de maridos/namorados, com as solteiras incluindo em seus relatos que é muito comum a ideia de que elas só estão ali para arrumar namorado e não porque são tão apaixonadas pelo clube quanto os homens são. É curioso perceber que para

alguns homens, a noção do torcer só pode abarcar determinada masculinidade, e não pode pertencer também as mulheres, ou aos lgbs por exemplo. Como se qualquer coisa que escape a esta masculinidade hegemônica representada por eles, não se encaixasse

Algumas dessas considerações nos esclarecem como participação feminina nas arquibancadas e principalmente nas torcidas organizadas, atualmente, ainda enfrenta paradigmas e preconceitos, pois ainda que exista um crescimento considerável no número de torcedoras presentes nas arquibancadas, as torcidas organizadas ainda são majoritariamente controladas por homens.

E neste momento, já cabe retomar a questão citada no tópico acima, da hierarquia interna que demarca ainda mais a desigualdade de gênero, dentro das torcidas organizadas, especialmente nos Gaviões da Fiel. Um exemplo disso está no fato de que logo nas primeiras entrevistas da pesquisa de campo, aparece o dado de que a sala de bandeiras e patrimônios não pode ser frequentada por mulheres. Além das torcedoras serem impedidas de tremular bandeiras em jogos ou em eventos na própria sede, elas também são impedidas de entrar no espaço onde ficam estes materiais. Vale ressaltar, que dentro da dinâmica ritualística das torcidas organizadas, os patrimônios- que são representados pelas bandeiras, “bandeirões” e faixas, costumam ser o bem mais precioso da torcida. É esse patrimônio que por exemplo, em uma briga entre torcidas no estádio, deve ser o primeiro a ser zelado. Apesar do Corinthians ser um clube que já contou com uma mulher em sua presidência⁸, os Gaviões da Fiel, nunca contaram com nenhuma presidente mulher, ainda que as mulheres correspondam a cerca de 40% dos sócios dos Gaviões, que conta hoje com mais de 100 mil afiliados (Daga, 2017).

Com isso, as torcedoras geralmente ocupam cargos ligados ao departamento social ou de comunicação⁹. Algo que gera certo incômodo a algumas delas, segundo relatos nas entrevistas, pois reforça a ideia de que a mulher só serve para organizar eventos festivos e preparar comidas. Outro assunto que se faz completamente presente quando o assunto é “ser mulher” dentro de uma torcida organizada são as caravanas. É sabido que na dinâmica comum das torcidas organizadas, existem caravanas para jogos em outras cidades e estados, que são conhecidas como “caravanas de guerra”, por irem de encontro a uma outra torcida

⁸ Relembra a única presidente mulher que o Corinthians teve <<https://www.torcedores.com/noticias/2017/03/no-dia-internacional-da-mulher-relembra-unica-presidente-mulher-que-o-corinthians-teve>> Acesso em 27 de Agosto de 2020.

⁹ O principal espaço decisório da entidade é seu conselho deliberativo, sendo ele parte composto por membros vitalícios e outra parte por conselheiros eleitos pelos membros da torcida, com mandatos tri anuais. Na atual gestão todos os 20 conselheiros eleitos, são homens.

extremamente rival. Com a justificativa de “proteção a violência” devido a “fragilidade” das mulheres, em muitas dessas caravanas elas são impedidas de comparecer. Com todas as buscas e pesquisas que tenho feito sobre a temática, percebo que a questão de proibição em algumas caravanas de fato transcende os Gaviões da Fiel. Porém se tratando especificamente dos Gaviões, algumas das interlocutoras dizem respeitar, outras acabam fazendo a viagem por fora das caravanas, e ficando na arquibancada comum e não na área destinada a organizada. Existem relatos também de torcedora que driblou este impedimento e acabou indo a uma caravana proibida, arcando com as discussões posteriores que a burlagem dessa regra acarretou.

Entendendo então, que claramente havia algumas regras de impedimentos destinadas especificamente às mulheres, comecei a questioná-las sobre quando e como essas “regras” foram criadas. Sempre foi assim? Algumas delas contam que também se questionam sobre isso, e recorrem a história oral da própria torcida e aos jornais, documentos e principalmente fotos mais antigas, na tentativa de entender em qual lugar esteve a mulher “Gaviã” ao longo desses mais de 50 anos de existência.

A teoria de uma delas é que no início logo após a fundação da torcida, as coisas não eram bem assim. Os fundamentos libertários dos fundadores da torcida, defendidos por Flavio de La Selva, dava às mulheres um lugar de muito mais destaque. Existindo até fotos onde as mulheres tremulavam bandeira e tocavam bateria e outros instrumentos, por exemplo. Muitas delas notam que a partir dos anos de 1990, o discurso sexista foi ganhando forma em nome de uma “tradicionalidade” (palavra que os próprios homens costumam usar para justificar as ações e impedimento para as mulheres).

Se olharmos para o contexto das arquibancadas no geral, a década de 1990 foi marcada pelo início de algo que perdura até os dias de hoje, a criminalização das torcidas organizadas. Grandes acontecimentos mundiais como a tragédia de Hillsborough ou até mesmo nacionais, como a Batalha Campal do Pacaembu, criou um discurso distorcido sobre a violência vinda das arquibancadas, especialmente no contexto das torcidas organizadas. O debate que liga violência e torcidas organizadas é extremamente longo e complexo, e não é o foco deste artigo porém através dele podemos pensar que esse discurso foi utilizado para afastar muitas mulheres das arquibancadas, e também das próprias torcidas organizadas, mudando a forma em que poderiam participar desses espaços até hoje.

Associar a diminuição da frequência feminina nos estádios à presença das torcidas organizadas parte do pressuposto de que haveria uma certa incompatibilidade entre as torcidas organizadas e o público feminino de futebol. Por serem compreendidas e, muitas vezes, elas mesmas se mostrarem como espaços de exaltação de masculinidades e de condutas brutas, conjectura-se que esses agrupamentos tanto criariam obstáculos para a participação feminina assim como as próprias mulheres se sentiriam pouco inclinadas a participarem desses grupos (COSTA, 2007, p. 11).

Entretanto, o cenário que temos hoje em dia é totalmente diferente, uma vez que o número de mulheres nas torcidas brasileiras aumentam a cada ano. A última pesquisa do IBOPE sobre este tema, feita recentemente, aponta que cerca de 53% da torcida corinthiana é feminina (Lance!, 2020).

De acordo com (Lance!, 2020) o número de torcedores do Corinthians do sexo feminino representou uma alta de 19% em comparação com os outros clubes e é também a maior participação de mulheres entre os 20 times da Série A, com um total de 13,7 milhões. Esse dado é curioso e até mesmo contraditório depois de expormos a relação que a maior torcida organizada do clube tem com as mulheres, sem dúvidas seria necessário mais páginas e pesquisa etnográfica para tirarmos maiores conclusões deste número, mas podemos pensá-lo também como resultado de algumas ações de combate ao machismo que estão sendo tomadas pelos clubes de futebol, entre eles o Corinthians. Exemplos podem ser vistos na ação chamada de #TemSaída (Carta, 2019)¹⁰ e outra em que o time de futebol masculino do clube utiliza em seu uniforme o *slogan* “Respeita as Mina” (Metro Jornal, 2018).

Fazendo um recorte para além do Corinthians, destaca-se também uma ação recente do Esporte Clube Bahia, sob a campanha que usa a hashtag #MeDeixaTorcer (Globo Esporte, 2019) o clube incentiva que as torcedoras denunciem qualquer caso de assédio que tenha sofrido dentro dos estádios, e além disso oferece informações sobre a Ronda Maria da Penha, orientações para quem se sentir assediada e estatísticas sobre o tema. Na página, ainda é possível que mulheres que foram assediadas deixem seus relatos.

Pouco a pouco podemos perceber que nos últimos tempos, tem sido cada vez mais insuficiente sustentar a ideia de senso comum que “futebol é coisa para macho”.

Em que pese todas as discussões expostas neste artigo feitas de maneira breve, já podemos considerar algumas questões: A primeira delas é que o propósito aqui não foi homogeneizar a questão da “mulher torcedora”, dando a elas um lugar universal dentro das

¹⁰ Carta assinada por Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Prefeitura de São Paulo, Ministério Público, Tribunal de Justiça, OAB-SP e ONU-Mulheres incentivando o combate à violência de gênero.

torcidas organizadas. É impossível resumir o que pensa cada mulher dentro dos Gaviões da Fiel, assim como os homens da torcida também não pensam e agem de forma generalizada. Apenas nos faz pensar nas contradições inerentes ao futebol, reflexo de problemas, contradições e falhas que existem sobretudo em outros âmbitos da sociedade. A segunda questão é que, de forma mais ou menos transgressora, vemos que as mulheres estão presentes no futebol não é de hoje, às vezes esquecemos ou não sabemos, porque não é essa a história que querem nos contar. Mas essas mulheres que torcem, que jogam, que são comentaristas do esporte, se colocam cada vez mais como uma resistência ao totalizante “futebol brasileiro”, produto de uma identidade que é cada vez mais normativa, heterossexual e masculina, e com isso, ampliam um espaço cada vez maior para os “futebóis” (Toledo & Camargo, 2019), mais arejado, acolhedor e plural.

O problema da multiplicidade ou das perspectivas de apropriação dos futebóis dentro do Futebol é (e sempre foi) inerente à sua prática, quer amadora (lúdica) ou espetacular (profissional), e visibilizar as múltiplas insurgências em seu interior seria perceber um movimento de dentro, que se projeta intensamente a partir de novos agentes, os quais ousam reivindicar a prática como índice de empoderamento, de novos identitarismos, do/no futebol e nos esportes. (TOLEDO & CAMARGO, 2019, p. 106)

Desta maneira, retomar historicamente trazendo até os dias atuais que estes espaços pertencem também as mulheres, é um caminho ainda que longo, para a diminuição dessas desigualdades dentro e fora de campo, sem o intuito de esgotar ou trazer um ponto final para essa longa discussão, contribuindo para que nunca deixemos de questionar e discutir as relações de gênero experimentadas nas arquibancadas de futebol.

Referências Bibliográficas:

BARROS, Sérgio M. P. de. Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians. **Revista Adm. de Empresas.** São Paulo, v. 18, n. 2, 1978

BUENO, Arthur. Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel Ensaios e Etnografias de uma torcida organizada de futebol.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista da USP,** São Paulo, n. 22, 1994.

CARTA aberta aos torcedores e torcedoras - #TemSaída. **Corinthians**. 17 de Janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.corinthians.com.br/carta-aberta-aos-torcedores-e-torcedoras-temsaida>>. Acesso em: 05 de Jul. de 2019.

COSTA, Andre L. A organização cordial: ensaio da cultura organizacional do grêmio Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel Ensaio e Etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

COSTA, Leda M. O que uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n.4, p.1-31, 2007.

DAGA, Bianca. Elas já são 40% dos sócios da Gaviões da Fiel, mas ainda precisam lutar contra o veto de encostar em bandeira e tocar bateria. **ESPN**, 2017. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/733641_elas-ja-sao-40-dos-socios-da-gavioes-da-fiel-mas-a-inda-precisam-lutar-contraveto-de-encostar-em-bandeira-e-tocar-bateria>. Acesso em: 05 de Jul. 2019

FILHO, Paulo César. Sobre a origem da palavra torcedor. **Jornalheiros**. 14 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://jornalheiros.blogspot.com/2017/08/sobre-a-origem-da-palavra-torcedor.html>>. Acesso em: 05 de Jul. de 2019.

FOLHA. Gaviões culpa Farah por pedido de extinção. **Folha On-line**. 17 de Novembro de 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fol/esp/s2044146.htm>>; Acesso em: 01 de Fev. 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.** vol.25 no.50 São Paulo July/Dec. 2005.

GAVIÕES. Nota oficial: protesto realizado no jogo Corinthians e Capivariano. **Gaviões da Fiel**, 2016. Disponível em: <<https://www.gavioes.com.br/nota-oficial-protesto-realizado-no-jogo-corinthians-x-capivariano/>>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

_____. Nota oficial: posições dos gaviões da Fiel sobre candidato antidemocrático. **Gaviões da Fiel**, 2018. Disponível em: <<https://www.gavioes.com.br/nota-oficial-posicao-dos-gavioes-da-fiel-sobre-candidato-antidemocratico/>>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

GLOBO, Esporte. Após caso de assédio na Arena Fonte Nova, Bahia cria site e incentiva mulheres a denunciar. **Globo Esporte**, 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/apos-caso-de-assedio-na-arena-fonte-nova-bahia-cria-site-e-incentiva-mulheres-a-denunciar.ghtml>>. Acesso em: 19 de Jul de 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. n.5, Campinas, 1995.

HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel Ensaio e Etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

LANCE!. Maioria da torcida corintiana é feminina, aponta pesquisa. Lance!. 02 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/majoria-da-torcida-corintiana-e-feminina-aponta-pesquisa_61a1c2da66ff22ea316444c14ab51df5rql6n3f5.html> Acesso em 27 de Agosto. 2020.

MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 12, p. 11-29, 2002.

MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas assumem linha de frente da mobilização contra Bolsonaro e atraem oposição. **El País Brasil**. 01 de junho de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/torcidas-antifascistas-assumem-linha-de-frente-da-mobilizacao-contra-bolsonaro-e-atraem-oposicao.html>>. Acesso em 21 de Agosto. 2020.

MATTOSO, Camila. Corinthians protestam contra “ladrão de merendas” e pedem contas do estádio. **Folha de São Paulo**. 16 de março de 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/03/1750846-corinthians-protestam-contra-ladrao-de-merenda-e-pedem-contas-do-estadio.shtml>>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

METRO JORNAL. Jogadores do Corinthians entrarão em campo com a frase ‘respeita as mina’ na camisa. **Metro Jornal**, 6 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.metrojornal.com.br/esporte/2018/03/06/jogadores-corinthians-entrarao-em-campo-com-frase-respeita-mina-na-camisa.html>>. Acesso em: 05 de Jul. 2019.

PIMENTA, Carlos A. M.. Torcidas organizadas de futebol: Identidades e identificações, dimensões cotidianas. **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, 2000. p. 122-128.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatino. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, 1994

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes Novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SFAKIANAKIS, Jean. Dia internacional da mulher: Relembre a única presidente que o Corinthians teve. **Torcedores.com** 08 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2017/03/no-dia-internacional-da-mulher-relembre-unic-a-presidente-mulher-que-o-corinthians-teve>> Acesso em: 27 de Agosto. 2020.

TOLEDO, Luiz H.. A Cidade das Torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In.: MAGNANI, José G. C.; TORRES, Lilian de L. (Org.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1996.

TOLEDO, Luiz H.. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados de torcer. In: DA COSTA, Márcia R. (org). **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999.

TOLEDO, Luiz H. & CAMARGO, Wagner. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLIA/UFMG**, v. 3, n.3. Minas Gerais, 2018.